

CAPÍTULO 5 - GRÉCIA ANTIGA

Atenas foi uma das grandes pólis da Grécia Antiga, ficando conhecida como o berço da democracia.

Os gregos foram um dos grandes povos da Antiguidade e deixaram grandes contribuições na política, filosofia, matemática, história e muitas outras áreas. Essa civilização começou a desenvolver-se por meio da migração de alguns povos para o sul da Península Balcânica, a partir de 2000 a.C.

Os gregos surgiram da fusão de povos, como:

- cretenses,
- micênicos,
- eólios,
- dórios,
- jônios.

Grécia Antiga ou civilização grega é como conhecemos a civilização formada pelos gregos no sul da Península Balcânica e que se estendeu por outras partes do Mediterrâneo, além das Cíclades, pela Ásia Menor e por regiões costeiras no Mar Negro. A história grega iniciou-se oficialmente com o período homérico, por volta de 1100 a.C. e estendeu-se até a transformação da Grécia em protetorado romano, em 146 a.C.

A periodização é uma estratégia utilizada pelos historiadores para facilitar a assimilação e a organização do conhecimento histórico. No caso de civilizações da Antiguidade, como os gregos, datações aproximadas foram criadas levando-se em consideração determinadas características ou acontecimentos que são estudados.

No caso dos gregos, a datação estipulou a divisão em cinco períodos, que são:

- **Período pré-homérico** (2000-1100 a.C.): período de formação do povo grego. Marcado pela existência de duas grandes civilizações — minoica e micênica.
- **Período homérico** (1100-800 a.C.): o “mundo grego” passa por uma grande ruralização com a invasão dórica, e existem pouquíssimos registros sobre essa fase. A vida gira em torno do genos, e há um grande recuo civilizacional.
- **Período arcaico** (800-500 a.C.): marcado pelo surgimento da pólis, o modelo da cidade-estado da Grécia. O aumento populacional leva os gregos a mudarem-se à procura de novos locais. O alfabeto fonético surge.
- **Período clássico** (500-338 a.C.): período de maior desenvolvimento dos gregos, marcado pelo florescimento da cultura grega, como a filosofia. Esse período presenciou a rivalidade entre duas grandes cidades-estado gregas: Atenas e Esparta.
- **Período helenístico** (338-136 a.C.): a Grécia foi conquistada pela Macedônia, iniciando-se a fase da difusão da cultura grega pelo Oriente. Seu fim ocorreu quando a Grécia converteu-se em um protetorado dos romanos.”

A Grécia Antiga tinha como grande característica a pólis, que era basicamente o seu modelo de cidade-estado. Essa estrutura

de comunidade foi surgindo de maneira gradual na Grécia ao longo dos períodos homérico e arcaico. Portanto, não se estabeleceu de uma hora para outra, mas foi resultado de um processo lento que se deu à medida que o modo de vida dos gregos tornava-se mais sofisticado.

A urbanização da Grécia a partir do século VIII a.C., e fez surgir milhares de pólis por todo o território ocupado pelos gregos (e que não se resume apenas à Grécia Continental). Entre as principais pólis, estão Atenas, Esparta, Tebas, Corinto e Rodas.

A pólis é comumente conhecida como cidade-estado, uma vez que cada pólis possuía ampla autonomia sobre si. As pólis eram marcadas por autonomia política, econômica, jurídica e religiosa, e, assim, a forma de governo adotada, os principais deuses venerados e os princípios de participação na política eram definidos por cada cidade-estado. Exemplificando, o funcionamento de toda a sociedade ateniense era um atributo exclusivo de Atenas, e outras cidades não tinham autonomia nenhuma para intervir nos assuntos dessa cidade.

Isso nos ajuda a concluir que a Grécia Antiga não foi um império centralizado e com fronteiras muito definidas, como em outros povos da Antiguidade. Esse território e sua civilização basicamente correspondem a um espaço específico onde diferentes comunidades reuniam entre si características em comum, como a cultura, a religião, o idioma etc.

A pólis era uma cidade, geralmente fortificada, que possuía como principal zona a Acrópole, construída em território elevado e que reunia os principais prédios da cidade, como os templos religiosos. O seu posicionamento em local elevado era estratégico, pois se pensava na defesa do local em caso de guerra.

Grande parte das pólis possuía, na Acrópole, prédios reservados para que os homens adultos, nascidos na cidade, discutissem a política local — a Assembleia. Essa característica, no entanto, foi tardia, uma vez que, no início, a totalidade das pólis era aristocrática, e, portanto, somente um grupo muito pequeno tinha direito de tal exercício.

Os atenienses possuíam um modelo democrático, que permitia a participação de todos os cidadãos da sociedade (homens, nascidos em Atenas e filhos de atenienses), enquanto que os espartanos adotaram o modelo aristocrático, que permitia a participação de uma diminuta minoria de privilegiados, conhecidos como esparciatas.

Entre todas as pólis gregas, Atenas e Esparta foram as maiores, pois acumularam grande poderio econômico, militar e político. O auge dessas cidades ocorreu durante o período clássico, e a história grega é marcada pela rivalidade entre elas, que, além disso, possuíam dois modelos de pólis absolutamente distintos um do outro

Atenas

O modelo clássico pelo qual conhecemos Atenas desenvolveu-se a partir do final do período arcaico, portanto, no século VI a.C. No caso dessa cidade, esse modelo desenvolveu-se por conta das tensões sociais que demandavam um sistema menos aristocrático. O desenvolvimento ateniense proporcionado pelo crescimento comercial gerou riqueza, mas também acentuou as diferenças sociais.

Essas diferenças geraram tensões amenizadas por meio de reformas de Sólon, governante da cidade no começo do século VI a.C. Ele decretou o fim da escravidão por dívidas, dividiu a cidade em quatro grupos baseados na sua renda, e

permitiu que eles participassem da Assembleia, ou seja, na tomada de decisões da administração ateniense.

Entretanto, o grupo mais baixo desses quatro na pirâmide social não poderia participar de outra instituição mais importante que a Assembleia — a Bulé. O sistema de Sólon não garantiu muitas mudanças para os pobres, mas permitia a ascensão de uma classe de novos ricos que não tinham voz no processo político de Atenas porque não descendiam de família aristocratas.

No final desse século, Clístenes, outro governante, aprofundou as transformações em Atenas. Ele excluiu os critérios censitários de sua organização e dividiu a cidade por localidade, permitindo que a participação na Assembleia aumentasse. Na prática, todo homem ateniense, maior de 18 anos, tinha direito de participar da Assembleia. Surgia, assim, a democracia ateniense.

No entanto, esse modelo era limitado, uma vez que excluía diversos grupos que residiam na cidade, como pessoas nascidas em outras cidades (encaradas como estrangeiros) e as mulheres. No caso dos homens, pode-se falar que os interesses dos ricos e aristocratas ainda prevaleciam na Assembleia (também chamada de Eclésia).

Esparta

Esparta, por sua vez, possuía um sistema diferente de Atenas, pois, se, em Atenas, o modelo predominante era a democracia, em Esparta, o que prevaleceu foi a oligarquia. Esparta era uma sociedade militarizada e herdeira dos dórios. Uma pequena classe social de guerreiros possuía privilégios, participava da política e explorava o trabalho de camponeses pobres (periecos) e dos escravos (hilotas).

A aristocracia espartana fazia de tudo para evitar transformações sociais e agia para a manutenção desse sistema de exploração de grande parte da população. Conhecidos como os melhores guerreiros da Grécia, os espartanos utilizavam-se da violência para manter as “classes subalternas” dominadas. De tempos em tempos, os guerreiros espartanos (chamavam a si de “os iguais”) organizavam caçadas para chacinar parte da população hilota.

Os guerreiros formavam essa elite que não trabalhava e dedicava-se integralmente à vida militar. O treinamento militar em Esparta iniciava-se na infância e estendia-se por toda vida. A partir de determinada idade, os militares tinham o direito de entrar na vida política. O governo da cidade era feito por dois reis, por um conselho (Gerúsia) que cuidava das leis, e pelo Eforato — formado por cinco membros eleitos pela Assembleia de guerreiros para um mandato de um ano, atuando como auxiliares na tomada de decisão dos reis.

A rivalidade entre as duas cidades era intensa, mas, em um momento específico da história grega, Atenas e Esparta abriram mão de suas diferenças e uniram-se para lutar contra um inimigo em comum: os persas.

A história grega ficou marcada por dois grandes conflitos:

• **Guerras Médicas:** Foi a guerra contra os persas: As Guerras Médicas aconteceram em dois momentos distintos, um no qual os persas eram liderados por Dario, e outro em que era liderados por Xerxes. Nos dois casos, os persas tentaram expandir seu império para a Grécia Continental, porém foram derrotados. Na Batalha de Maratona (490 a.C.), Dario foi derrotado, e Xerxes foi derrotado na Batalha de

Plateia (479 a.C.). Desse conflito a cidade de Atenas saiu fortalecida. Administrada por Péricles, Atenas passou por um desenvolvimento cultural muito importante, e politicamente a cidade tinha ganhado projeção com sua liderança na Liga de Delos. Com essa organização adquirindo muita notoriedade, Esparta, temendo esse crescimento, resolveu lançar-se em guerra contra ela.

• **Guerra do Peloponeso:** Foi a guerra civil entre atenienses e espartanos. Com a vitória dos Gregos sobre os Persas e com o fortalecimento da cidade de Atenas, a cidade de Esparta se viu ameaçada. Assim foi iniciada a Guerra do Peloponeso, conflito que se estendeu em três fases:

• Primeira fase: de 431 a.C. a 421 a.C.

• Segunda fase: de 415 a.C. a 413 a.C.

• Terceira fase: de 412 a.C. a 404 a.C.

Atenas saiu derrotada desse conflito, e Esparta elevou-se como a cidade dominante na Grécia. Entretanto, um século de guerras provocou a decadência grega, uma vez que trouxe muita destruição, morte e problemas econômicos. A partir de 371 a.C., Esparta foi substituída por Tebas como a maior potência grega.

As duas guerras enfraqueceram as pólis e permitiram que estrangeiros, como os macedônicos, conquistassem a região.

No século IV a.C., Alexandre, o Grande, rei da Macedônia e da Grécia, tornou-se responsável por expandir o território dos gregos pelo Oriente.

O enfraquecimento dos gregos permitiu que os macedônios, um povo influenciado pela cultura grega, mas não reconhecidos como gregos, ganhassem força e conquistassem toda a Grécia em 338 a.C. Os macedônios eram liderados por Filipe II, mas, dois anos depois, esse rei faleceu, sendo sucedido por seu filho, Alexandre.

Alexandre realizou grandes feitos à frente dos macedônios. Em 13 anos de reinado, ele expandiu seu império por regiões muito vastas, alcançando e conquistando locais como o Egito e a Pérsia. Após a sua morte, o império macedônico foi dividido em diferentes partes, e, tempos depois, em 136 a.C., a região da Grécia foi assimilada pelos romanos.